

CONTO DE FADAS SOMBRIO

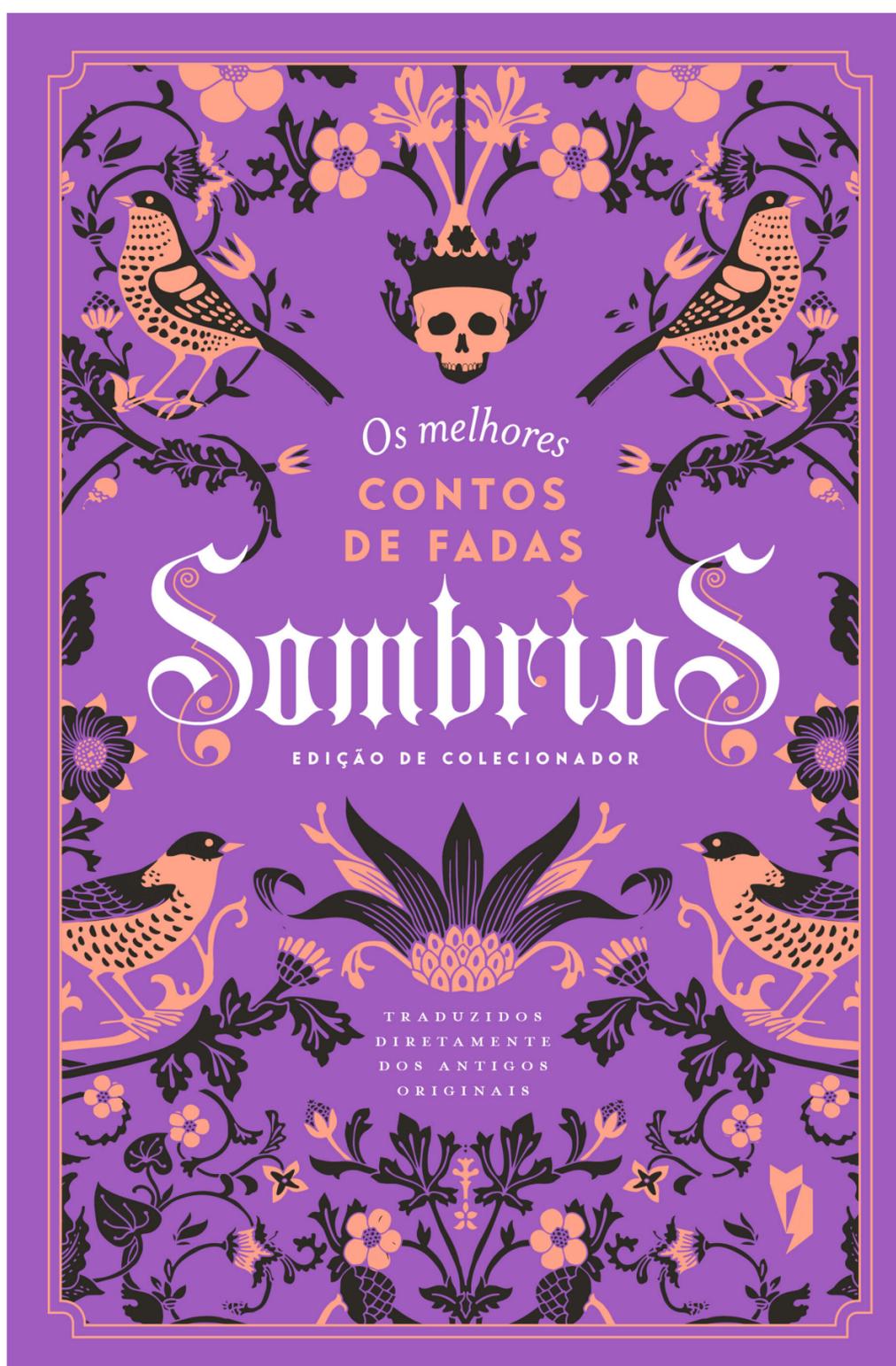
GIANFRANCESCO
STRAPAROLA

BIANCA BELLA

GRATUITO!



ESTE CONTO
PERTENCE AO
LIVRO



OS MELHORES
CONTOS DE FADAS SOMBRIOS
EDITORA WISH

ADQUIRA O SEU EM: editorawish.com.br

Todos os direitos reservados

GIANFRANCESCO
STRAPAROLA

BIANCA BELLA

Em um dos diversos contos com a temática de moças com mãos decepadas, a jovem e gentil Biancabella recebe de sua madrasta uma sentença de morte, mas contará com a bondade de uma cobra para se recuperar.

UM CONTO ITALIANO DE 1550

É louvável e muito necessário que a mulher, em qualquer estado e condição, aja com prudência, sem a qual nada se administra bem. E, se

uma madrasta, cuja história tenho a intenção de contar, tivesse sido modesta, talvez, achando que iria matar o outro, não teria sido, por justiça divina, morta por esse outro, como agora explicarei a vocês.

Em Monferrato já há muito tempo reinava um poderoso marquês, rico e influente, mas sem filhos. Ele atendia pelo nome de Lamberico. Desejava muitíssimo ter filhos, mas Deus negava-lhe essa graça. Aconteceu que um dia a marquesa estava em seu jardim recreativo e, vencida pelo sono, adormeceu aos pés de uma árvore. Enquanto dormia suavemente, veio uma pequena serpente, que se aproximou, enfiou-se por baixo de suas roupas sem que ela sentisse coisa alguma e entrou em suas partes íntimas.

Com delicadeza, subiu e aninhou-se no ventre da mulher, onde ficou com tranquilidade. Não passou muito tempo, e a marquesa, para deleite e alegria de toda a cidade, engravidou. Ao fim do parto, deu à luz uma garotinha e uma serpente que deu três voltas em torno de seu pescoço. Ao ver tal cena, as parteiras que cuidavam da recém-nascida se assustaram muito. Mas a serpente, sem fazer mal algum à menina, desenrolou-se de seu pescoço e serpenteou até o chão, rastejando para fora, para o jardim. Depois de a menina ser limpa e adornada no banheiro iluminado e envolta em paninhos branquíssimos, as enfermeiras descobriram, pouco a pouco em seu pescoço, um colar de ouro delicadamente trabalhado. Era tão belo, tão delicado,

que parecia se alojar entre a pele e a carne, como a mais preciosa das joias habituadas a brilhar como um cristal transparente. Circundava o seu pescoço tantas vezes quanto a serpente o havia feito. A garota, que era tão bela que foi chamada de Biancabella, crescia com tantas qualidades e gentileza que parecia mais divina do que humana.

Já com dez anos, da varanda a menina viu o jardim cheio de rosas e flores das mais diversas e se dirigiu à ama que cuidava dela, perguntando o que era aquilo que nunca havia visto antes. A ama respondeu-lhe que aquele era um jardim onde, por vezes, caminhava. A garota, então, disse:

— É a coisa mais linda que já vi, adoraria ir até lá.

A ama a pegou pela mão e a levou até o jardim. Após se separarem, a ama adormeceu sob a sombra de uma frondejante faia, deixando a garota divertir-se nos arredores. Apaixonada pelo lugar encantador, Biancabella ia por todo o lado recolhendo flores até que, cansada, sentou-se sob a sombra de uma árvore. Não tinha ainda nem se acomodado no chão quando inesperadamente aproximou-se uma serpente. Ao vê-la, Biancabella se assustou e, quando estava para gritar, a serpente disse-lhe:

— Por favor, fique quieta. Não se mova nem tenha medo. Sou sua irmã, nasci no mesmo dia e do mesmo parto que você. Meu nome é Samaritana. Se você for obediente às minhas ordens, eu a tornarei

bem-aventurada. Do contrário, será a mulher mais infeliz e insatisfeita que já existiu. Vá então sem medo algum e amanhã traga aqui ao jardim dois vasos, um cheio de leite puro e outro com água de rosas puríssima. Venha sozinha, sem nenhuma companhia, até mim.

Após a serpente partir, a garota levantou-se e foi até a ama, que ainda repousava. Acordou-a e, sem dizer nada, voltaram juntas para casa.

Chegado o dia seguinte, Biancabella estava sozinha no quarto com a mãe, que, notando a melancolia da filha, perguntou:

— O que você tem, Biancabella, por que está aborrecida? Você é sempre alegre e animada, agora parece deprimida e amargurada.

E a filha respondeu:

— Não tenho nada, apenas gostaria que dois vasos fossem levados até o jardim, um com leite e outro cheio de água de rosas.

— É por isso que você está se lamentando, minha filha? — disse a mãe. — Não sabe que tudo que há aqui pertence a você?

E mandou levarem até o jardim dois grandes e belíssimos vasos, um com leite e outro com água de rosas. Biancabella, chegada a hora, e seguindo as ordens da serpente, foi até o jardim sem que nenhuma ama a acompanhasse. Ao abrir a porta, fechou-se ali dentro e sentou-se próxima aos vasos. Logo que Biancabella se sentou, a serpente se aproximou e fez a garota imediatamente se despir, ordenando

que entrasse nua no vaso com leite branquíssimo. Banhou-a com leite da cabeça aos pés, usando a língua para lambê-la e limpá-la de qualquer defeito que pudesse ter. Depois a tirou daquele leite e a colocou na água de rosas, propiciando à garota um perfume que conferia muitíssimo frescor. Em seguida vestiu-a, ordenando que ficasse quieta e que nenhuma pessoa descobrisse, nem mesmo o pai e a mãe, se a garota quisesse que nenhuma outra mulher jamais se igualasse a ela em beleza e gentileza. E, após conceder infinitas virtudes à menina, a serpente partiu.

Após sair do jardim, Biancabella retornou para casa. A mãe, ao vê-la cheia de graça e formosura, com beleza de sobra, ficou de

boca aberta, sem conseguir pronunciar uma palavra. Pegou então um pente para pentear as tranças loiras da garota e pedras preciosas e pérolas caíram de sua cabeça. E, ao lavar as mãos, saíam rosas, violetas e flores das mais variadas cores e com perfumes tão suaves que fazia com que se assemelhasse ao paraíso terrestre. Ao ver tal cena, a mãe correu até Lamberico, seu marido, e, com maternal alegria, disse:

— Meu senhor, nós temos uma filhinha que é a mais gentil, a mais bela e a mais graciosa que a natureza já criou. E além da divina beleza e graciosidade que saltam aos olhos de todos, dos seus cabelos brotam pérolas, pedras preciosas e as mais lindas joias. De suas

cândidas mãos, ó, que coisa maravilhosa, jorram rosas, violetas e flores das mais variadas que emanam um doce perfume, inebriando todos que a olham. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não teria acreditado.

O marido, que era incrédulo por natureza, não acreditou com facilidade no que a esposa dizia, pondo-se a zombar e rir de sua cara. Entretanto, as palavras da mulher despertaram sua curiosidade, fazendo com que decidisse investigar. Ordenou que a filha viesse até ele e testemunhou em pessoa que era tudo verdade. Ficou extremamente feliz, afirmando não existir no mundo um único homem sequer que fosse digno de se casar com a filha.

A fama da notável e imortal beleza de Biancabella já havia se espalhado por todo o universo, e muitos reis, príncipes e marqueses de todas as partes competiam para conquistar seu amor e ganhá-la como esposa. Mas nenhum deles tinha virtude o suficiente para tê-la, sempre faltava algo. Até que finalmente surgiu Ferrandino, rei de Nápoles, cuja valentia e nobreza de nome resplendiam como o Sol dentre as minúsculas estrelas. Indo até o marquês, pediu a mão de sua filha em casamento. O marquês, ao ver como o rei era formoso, de boa formação e muito poderoso, seja de riquezas ou títulos, concordou com as núpcias. E chamada a filha, sem mais delongas, se tocaram as mãos e se beijaram. Tão logo o contrato de matrimônio se concretizou,

Biancabella lembrou-se das palavras amáveis que sua irmã Samaritana tinha dito. Inventou uma desculpa para o marido e foi até o quarto. Fechada lá dentro, saiu por uma portinha secreta e entrou no jardim. Com a voz baixa, começou a chamar por Samaritana. Mas ela não apareceu. Ao perceber tal coisa, Biancabella admirou-se. Não a encontrou em nenhum lado do jardim e ficou muito triste, pensando que isso só tinha acontecido porque não obedecera às ordens da serpente. Lamentando-se, voltou para o quarto. Ao abrir a portinha, sentou-se junto do marido, que há muito a esperava. Logo após as núpcias, Ferrandino organizou a mudança da esposa para Nápoles, onde toda a cidade a recebeu com

grande pompa, sonoras trombetas e muita festa.

A madrasta de Ferrandino tinha duas filhas sujas e feias e desejava que uma delas se unisse em matrimônio com ele. Mas, ao ser desprovida de qualquer esperança de ter seu desejo atendido, despertou dentro de si tanta raiva e desdém contra Biancabella que não queria vê-la nem ouvir sua voz. Entretanto, fingia que a amava e que a queria bem. Quis o destino que o rei da Tunísia organizasse pessoal e material, por terra e por mar, para iniciar uma guerra contra Ferrandino (se o fez porque Ferrandino tomara Biancabella como esposa ou por outro motivo, não se saberia dizer). Então o potentíssimo exército tunisiano entrou

nos confins de seu reino, de modo que fez-se necessário que Ferrandino pegasse em armas para defender seu território e afrontar o inimigo. Assim, ao tomar tal resolução e cuidar para que Biancabella, agora grávida, tivesse tudo de que precisava, entregou-a para a madrasta e partiu com seu exército.

Não se passaram muitos dias até que a madrasta malvada e soberba deliberasse que Biancabella tinha que morrer. Chamou alguns de seus servos mais leais e lhes disse para levarem-na para alguma atividade ao ar livre, enfatizando que só poderiam voltar depois que ela fosse morta. Como prova de que o serviço tinha sido feito, exigiu que lhe trouxessem alguma coisa.

Os servos, obedientes à senhora, estavam prontos para fazer o mal: fingindo sair para uma caminhada, conduziram-na para um bosque onde já tinham tudo pronto para assassiná-la. Mas, ao verem a beleza e a graciosidade de Biancabella, tiveram piedade e pouparam sua vida. Não a mataram, mas deceparam as mãos¹ da garota e também arrancaram seus olhos do rosto, levando-os em seguida à madrasta como prova de que o serviço fora feito. Ao ver as provas, a cruel e desumana madrasta ficou muito contente. E, pensando em colocar em prática seus planos malignos, a perversa madrasta espalhou pelo reino a notícia de que as suas duas filhas tinham morrido, uma de febre contínua e a outra por um

¹ A temática de mãos decepadas é comum em diversos contos, seja de Jacob e Wilhelm Grimm, Giambattista Basile, Alexander Afanasyev e Edward Steere. [N. E.]

cisto inflamado próximo ao coração, que causou sua morte por sufocamento. Indo além, declarou que Biancabella, devido ao sofrimento pela partida do rei, havia perdido o filho, tendo sido acometida por uma febre terçã que a estava destruindo tanto que seria melhor desejar sua morte do que esperar que se recuperasse. Mas a malvada e perversa mulher, colocou uma de suas filhas na cama do rei, para que fingisse ser Biancabella deformada pela grave febre.

Ferrandino, que já havia derrotado e dispersado o exército inimigo de maneira triunfante, retornava para casa. Esperava reencontrar sua amada Biancabella toda festiva e alegre, porém deparou-se com ela de cama, magra, pálida e

deformada. Aproximou-se dela e olhou fixamente em seu rosto. Ao vê-la de tal modo destruída, ficou perplexo, não conseguia acreditar que aquela fosse Biancabella. Ao ser penteada, em vez de caírem pedras preciosas e joias de sua cabeleira loira, saíam enormes piolhos que a devoravam a todo momento. E das mãos, de onde antes rosas e flores perfumadas saíam, agora desprendiam-se sujeira e imundice que embrulhavam o estômago de quem estava por perto. Ainda assim, a perversa mulher o confortava, dizendo que aqueles eram sintomas causados devido ao período prolongado da enfermidade.

Então, a solitária e pobre Biancabella, com as mãos mutiladas e cega de ambos os olhos, longe de

tudo naquele lugar deserto, desesperadamente clamava pela ajuda de sua irmã Samaritana, mas ninguém respondia, a não ser a própria voz que ecoava pelo ar. Enquanto a infeliz mulher permanecia ali em seu calvário, privada de qualquer ajuda humana, eis que então entrou no bosque um homem muito idoso, de aspecto amável e muito misericordioso. Ele, ouvindo aquela voz triste e lastimável, a seguiu com os ouvidos e, pé ante pé, aproximou-se devagar, encontrando a jovem cega e com as mãos amputadas se lamentando ferozmente por seu trágico destino. O bom senhor, vendo Biancabella naquela situação, entre troncos, galhos e espinhos, não pôde deixá-la ali sofrendo. Vencido por sua compaixão paterna, a levou até sua casa e, firme, disse à esposa

que cuidasse muito bem da garota. Virou-se para as três filhas, que se assemelhavam a três brilhantes estrelas, e calorosamente ordenou que fizessem companhia a Biancabella. Deveriam a todo momento lhe dar carinho e cuidar para que nada lhe faltasse. A mulher, que era mais fria do que piedosa, com uma raiva furiosa se voltou para o marido e disse:

— Ah, marido meu, o que espera que façamos com esta mulher cega e mutilada como está? É provável que tenha sido tratada desta forma como punição por seus pecados, e não por comportar-se bem.

Ao que, com desdém, o velhote respondeu:

— Faça aquilo que digo, caso contrário, não espere por mim em casa.

Biancabella foi então recebida pela mulher e pelas três filhas. Conversaram sobre as mais variadas coisas e, pensando em seus desfortúnios, perguntou a uma das filhas se ela gostaria de penteá-la um pouco. A mãe, ao ouvir aquilo, se irritou. Não queria de forma alguma que a filha se transformasse em uma das servas de Biancabella. Entretanto a filha, mais benevolente do que a mãe, lembrando-se das ordens que o pai dera e sentindo algo emanar de Biancabella que demonstrava sinal de grandeza, tirou o avental e, após colocá-lo no chão, começou a penteá-la carinhosamente. Mal tinha começado e das tranças

loiras começaram a brotar pérolas, rubis, diamantes e outras pedras preciosas. Ao presenciar tal cena, a mãe, mesmo com um pouco de medo, ficou abismada. O grande ódio que sentia transformou-se em puro amor. Ao chegar em casa, o velhote foi recebido com abraços por todas elas, felizes pela sorte que os alcançara em meio a tanta pobreza e infortúnio. Biancabella pediu para trazerem um balde de água fresca e começou a lavar o rosto. Diante de todos, das mãos mutiladas caíam uma abundância de rosas, violetas e flores, motivo pelo qual ganhou de todos a reputação de ser uma divindade em vez de uma humana.

Acontece que Biancabella decidiu voltar ao lugar onde tinha sido

encontrada pelo velhote. Mas o velhote, a esposa e as filhas, vendo o quão lucrativa a garota poderia ser para eles, a mimavam e imediatamente imploraram para que não partisse, tentando de todo modo convencê-la a não ir. Mas ela, firme em sua decisão, quis partir, prometendo todavia que voltaria. O velhote, sem tardar, a levou de volta ao lugar onde a havia encontrado. Biancabella ordenou que partisse e voltasse de noite, que ela então iria para casa com ele. Assim sendo, o velhote partiu e a desafortunada Biancabella começou a andar pela selva chamando por Samaritana. Os gritos e lamentações alcançaram o céu. Mas Samaritana, ainda que estivesse próxima e não a tivesse abandonado, não queria responder. A desafortunada, vendo suas

palavras dissolverem-se no vento, disse:

— O que me resta para fazer no mundo, uma vez que estou desprovida de olhos e mãos e, por fim, não recebo nenhum socorro humano?

E, impulsionada por um furor que acabava com qualquer fio de esperança, desesperada, quis se matar. Mas não havendo modo algum de acabar com a própria vida, andou em direção às águas que estavam nas cercanias para se jogar. Ao chegar às margens, prestes a se jogar, ouviu uma voz estrondosa que dizia:

— Ai de mim, não se jogue, não queira ser a própria assassina! Reserve sua vida para algo mais digno.

Então Biancabella, chocada com a voz poderosa, sentiu os pelos do corpo se arrepiarem. Mas a voz parecia-lhe familiar, então tomou coragem e disse:

— Quem é você que vai errante por estas bandas e demonstra com voz doce piedade por mim?

— Eu sou — respondeu a voz — Samaritana, sua irmã, por quem você insistentemente chama.

Ao ouvi-la, Biancabella interrompeu efusivos soluços e disse:

— Ah! Minha irmã, me ajude, por favor. Se eu por acaso me desviei dos conselhos que me deu, peço-lhe perdão. Portanto, se errei, confesso minha falha, mas o fiz por ignorância, não por malícia. Se tivesse sido por malícia, a divina

providência não teria se sustentado por tanto tempo.

Samaritana, ouvindo suas compadecidas lamentações, e vendo-a tão maltratada, deu a ela um pouco de conforto. Colheu algumas ervas de notáveis qualidades e as colocou sobre os olhos de Biancabella. Uniu duas mãos aos braços e imediatamente as curou. Em seguida, livrando-se da esquálida pele de cobra, Samaritana se transformou em uma belíssima jovem.

Os fúlgidos raios de sol já começavam a dar lugar às trevas da noite quando o velhote, com passos apressados, chegou à selva e encontrou Biancabella sentada junto a outra ninfa. Ficou espantado ao vê-la, quase sem acreditar que fosse

real. Mas, depois que a reconheceu, disse:

— Minha filha, esta manhã você estava cega e mutilada. Como se recuperou tão rapidamente?

E Biancabella respondeu:

— Não por minha causa, mas sim graças a esta sentada aqui comigo, que é minha irmã.

Então ambas levantaram-se e foram alegremente para casa com o velho, onde foram recebidas com felicidade pela esposa e filhas. Passados muitos e muitos dias, Samaritana e Biancabella, juntamente do velhote, da esposa e das três filhas, foram para Nápoles para ali viver. Encontraram um local vazio em frente ao palácio do rei e sentaram-se. No calar da noite escura, Samaritana apanhou um ramo de

folhas de louro e percorreu o terreno por três vezes dizendo algumas palavras. Logo após terminar de dizê-las, surgiu o mais belo e grandioso palácio jamais visto. Ao olhar pela janela de manhã, o rei Ferrandino ficou boquiaberto e abismado ao ver palácio tão rico e maravilhoso. Chamou a esposa e a madrasta para ver; elas, contudo, ficaram bastante descontentes e logo suspeitaram que algo macabro tivesse acontecido. Enquanto contemplavam o dito palácio, examinando tudo muito bem, os olhos do rapaz encontraram a janela de um quarto onde viu duas damas tão belas que faziam inveja ao sol. Assim que as viu, sentiu muita raiva no coração ao reparar que uma delas se assemelhava ao que sua amada Biancabella um dia fora. Questionou então

quem eram e de onde vinham. Responderam que eram duas mulheres exiladas que vinham da Pérsia para viver naquela gloriosa cidade. Depois perguntou se cortesmente aceitariam uma visita sua e de suas mulheres. Elas responderam que ficariam honradas, porém que seria mais oportuno e decoroso que elas, como súditas, fossem até eles.

Ferrandino chamou a rainha e as outras mulheres e, mesmo que estas estivessem receosas de ir por temerem a própria ruína, se dirigiram ao palácio das duas damas, que honradamente receberam todos com cordialidade e benevolência. Mostraram as amplas galerias, as espaçosas salas e os bem decorados quartos, cujas paredes eram de alabastro e elegante pórfiro, onde

se viam figuras que pareciam ter vida.

Após verem o palácio muito pomposo, a bela jovem, aproximando-se do rei, pediu com doçura que lhe desse a honra, com sua mulher, de um dia ir lá almoçar. O rei, que não tinha o coração de pedra e era, como é de se esperar, muito generoso e liberal, graciosamente aceitou o convite. E, após as mulheres agradecerem por ele ter aceitado o convite, partiu com a rainha e voltou para seu palácio. Chegando o dia designado ao convite, o rei, a rainha e a madrasta, adequadamente vestidos e acompanhados por diversas damas, foram honrar o magnífico almoço já com a mesa tão farta posta. Após lavarem as mãos, o mordomo acomodou o rei

e a rainha em uma mesa proeminente, porém próxima às outras. Depois, de maneira ordenada, acomodou os outros. Enfim, todos almoçaram alegres e descontraídos. Terminado o suntuoso banquete e retirada a mesa, Samaritana levantou-se e, dirigindo-se ao rei e à rainha, disse:

— Senhor, para que não fiquemos envoltos no ócio, alguém proponha algo para fazer que seja agradável a todos.

Todos concordaram com a ideia, contudo ninguém ousou propor nada. Samaritana, ao ver todos em silêncio, então falou:

— Já que ninguém se prontifica a dizer algo, com a licença de Vossa Majestade, chamarei uma de nossas donzelas para nos deleitar.

Chamou então uma jovem chamada Silveria. Ordenou que apanhasse a cítara e que cantasse algo em homenagem ao rei que fosse digno de louvor. Ela então, obediéntíssima à sua ama, pegou a cítara e posicionou-se em frente ao rei. Tocando as cordas com a palheta, com sua voz suave e delicada, narrou ao rei a história de Biancabella, todavia sem mencionar seu nome. Chegado o fim da história, Samaritana levantou-se e perguntou ao rei qual seria a pena mais oportuna, o suplício mais digno, para alguém que tivesse cometido tal excesso. A madrasta, que julgou que poderia talvez ter a chance de ser perdoada por sua maldade ao responder rapidamente, não esperou que o rei dissesse o que pensava e gritou em um tom confiante:

— Ser jogada em uma fornalha incandescente é o mínimo que esta pessoa merece.

Então Samaritana, com o rosto em chamas, disse:

— Você é a culpada, mulher cruel, é a razão pela qual tantos erros foram cometidos. Você, malvada e maldita, condenou a si mesma com a própria boca. — E dirigindo-se ao rei, com muita alegria disse: — Esta é a sua Biancabella! Esta é a sua tão amada mulher! Esta é aquela sem a qual você não consegue viver!

Para demonstrar que dizia a verdade, ordenou às três donzelas, filhas do velhote, que penteassem os loiros e ondulados cabelos de Biancabella na presença do rei. Como já dito, brotavam as caras e

estimadas joias, e das mãos surgiam belas rosas e flores cheirosíssimas. E, como prova final e irrefutável, mostrou ao rei o cândido pescoço de Biancabella, contornado por um pequeno colar feito de ouro puríssimo, que naturalmente transparecia como cristal entre a carne e a pele. O rei, convencido pelos indícios verdadeiros e sinais claros de que aquela era a sua Biancabella, a abraçou com ternura e começou a chorar. E dali não partiram. O rei ordenou que uma fornalha fosse acesa e dentro jogou a madrasta e as filhas que, ao se arrependarem de seus pecados demasiado tarde, tiveram suas vidas miseravelmente extinguidas. Em seguida, as três filhas do velhote casaram-se de maneira muito honrada, e o rei Ferrandino, junto de sua Biancabella

e de Samaritana, por muito tempo viveu, deixando legítimos herdeiros do reino.

Traduzido por Carolina Cândido, preparado por Karine Ribeiro e revisado por Carolina Cândido e Bárbara Parente.

CONHEÇA MAIS SOBRE

OS MELHORES CONTOS DE FADAS SOMBRIOS

EDITORA WISH

<i>Os melhores</i> CONTOS DE FADAS SOMBRIOS	
Sumário	
10	CONHEÇA OS AUTORES <i>Vida e obras de mentes criativas</i>
22	PREFÁCIO <i>Por Mabê Bonafé</i>
30	A VELHA ESFOLADA <i>Giambattista Basile</i>
42	A MÃE MORTA <i>W. R. S. Ralston</i>
44	O JUNÍPERO <i>Jacob e Wilhelm Grimm</i>
58	A LÍNGUA DOS ANIMAIS <i>Andrew Lang</i>
66	O PADRINHO <i>Jacob e Wilhelm Grimm</i>
70	A HISTÓRIA DE UMA MÃE <i>Hans Christian Andersen</i>
80	A MORTE DA PINTINHA <i>Jacob e Wilhelm Grimm</i>
84	A SERPENTE E A PRINCESA <i>A. H. Wratislaw</i>
88	O OSSO CANTOR <i>Jacob e Wilhelm Grimm</i>
92	O GANSO LOUCO <i>Norman Hinsdale Pitman</i>
104	O NOIVO LADRÃO <i>Jacob e Wilhelm Grimm</i>
112	O CADÁVER MORDAZ <i>Rachel Harriette Busk</i>
116	CHAPEUZINHO VERMELHO <i>Charles Perrault</i>
122	A SOMBRA <i>Hans Christian Andersen</i>
138	SENHORA TRUDE <i>Jacob e Wilhelm Grimm</i>
140	A BRUXA MORTA <i>W. R. S. Ralston</i>
142	A VOZ DO SINO <i>William Elliot Griffis</i>
150	AMADO ROLAND <i>Jacob e Wilhelm Grimm</i>

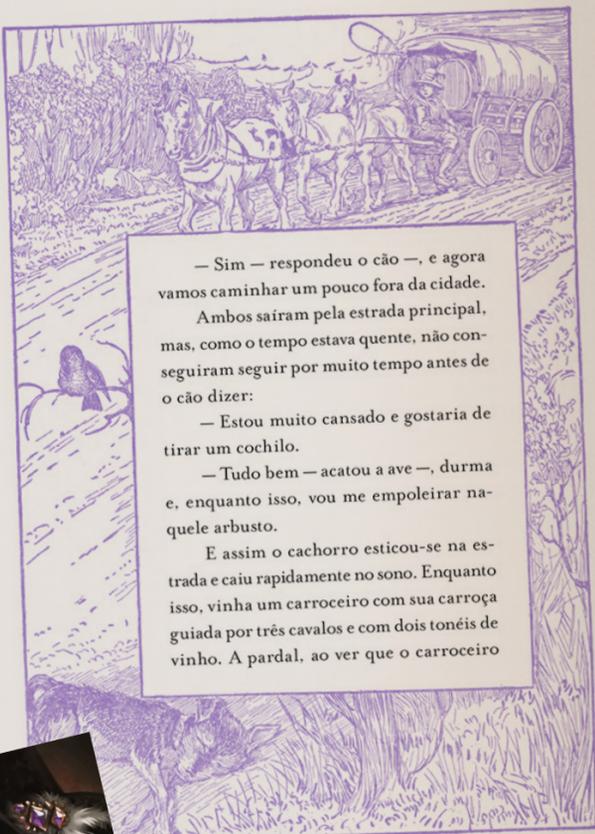
Mais de
contos
de fadas
macabros!

30

Miolo ricamente ilustrado e impresso em preto e roxo

188

JACOB E WILHELM GRIMM



— Sim — respondeu o cão —, e agora vamos caminhar um pouco fora da cidade. Ambos saíram pela estrada principal, mas, como o tempo estava quente, não conseguiram seguir por muito tempo antes de o cão dizer:

— Estou muito cansado e gostaria de tirar um cochilo.

— Tudo bem — acatou a ave —, durma e, enquanto isso, vou me empoleirar naquele arbusto.

E assim o cachorro esticou-se na estrada e caiu rapidamente no sono. Enquanto isso, vinha um carroceiro com sua carroça guiada por três cavalos e com dois tonéis de vinho. A pardal, ao ver que o carroceiro

LOUIS RHEAD, 1917

O CACHORRO E A PARDAL

189

não desviava do caminho e que seguia na pista em que o cachorro estava, com o objetivo de atropelá-lo, gritou:

— Pare! Pare, senhor carroceiro, senão será pior para o senhor.

O carroceiro, entretanto, resmungou para si: “Vai ser pior para mim, até parece! O que você pode fazer?”. Ele estalou seu chicote e passou a carroça por cima do cachorro, de modo que as rodas o esmagaram e o mataram.

— Pronto, vilão cruel, você matou o meu amigo cão — gritou a pardal. — Guarde bem o que vou dizer: o que você fez vai fazê-lo perder tudo!

— Pois venha se for capaz! Fique à vontade! — desafiou o bruto. — Que mal pode me fazer? — E seguiu seu caminho.

A ave, contudo, passou sorrateira por baixo do toldo da carroça e bicou a rolha de um dos tonéis até afrouxá-la, fazendo o vinho todo derramar, sem o carroceiro perceber. Por fim, ele olhou em volta, viu que a carroça pingava e o tonel estava praticamente vazio.

— Que infeliz azarado eu sou! — gritou o homem.

— Ainda não infeliz o bastante! — exclamou a pardal, enquanto pousava na cabeça de um dos cavalos e o bicava até ele empinar-se e dar coices.

Quando o carroceiro viu isso, sacou sua machadinha e mirou um golpe na pardal, no intuito de matá-la, mas ela voou, e o golpe foi dado na cabeça do pobre cavalo com tanta força que ele caiu morto.

— Que infeliz azarado eu sou!

— Ainda não infeliz o bastante!

E conforme o carroceiro prosseguiu com os outros dois cavalos, novamente, a pardal passou sorrateira por baixo do toldo da carroça e bicou a rolha do segundo tonel, para que todo o vinho derramasse. Quando o homem viu isso, gritou mais uma vez:

— Que infeliz azarado eu sou!

A pardal, no entanto, respondeu:

— Ainda não infeliz o bastante! — E pousou na cabeça do segundo cavalo para bicá-lo também.

O carroceiro apressou-se e a golpeou de novo com sua machadinha, mas ela voou, e o golpe foi dado no cavalo, que morreu no ato.



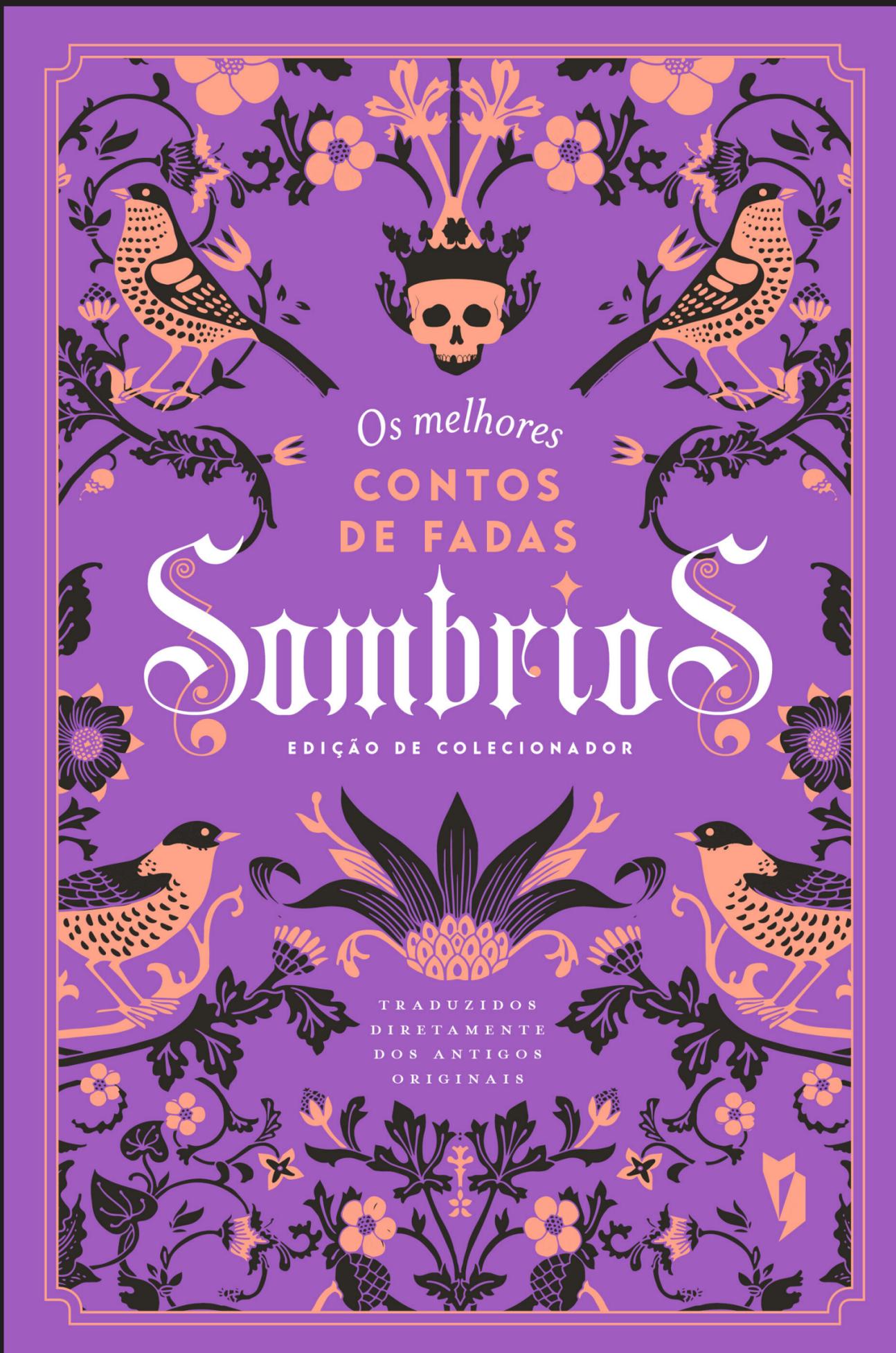
Traduzidos dos livros antigos

Inclui marcador e postal



UM RESGATE DO PASSADO
DE SUCESSO NO
FINANCIAMENTO COLETIVO

OS MELHORES CONTOS DE FADAS SOMBRIOS



ADQUIRA O SEU EM:
editorawish.com.br